

OCUPAÇÃO DA QUINTA DA TORRE BELA NA AZAMBUJA / 1975

Realização, direção de fotografia, montagem: desconhecidos / *Com:* cooperantes da Torre Bela / *Produção:* RTP (Portugal, 1975) / *Cópia:* DCP (RTP Arquivos, produzida a partir de cópia em 16mm), preto e branco, falada em português / *Duração:* 7 minutos / *Primeira emissão televisiva:* 4 de maio de 1975, no “Noticiário Nacional” / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

COOPERATIVA AGRÍCOLA TORRE BELA / 1975

um “programa” de CINEQUANON (LUÍS GALVÃO TELES)

Realização: Luís Galvão Teles / *Direção de fotografia:* Elso Roque / *Som:* José de Carvalho, Paola Porru / *Montagem:* Solveig Nordlund, Alberto Seixas Santos / *Com:* cooperantes da Torre Bela / *Produção:* Cinequanon – “cooperativa de produção de filmes” (Portugal, 1975) para a RTP / *Produtor Executivo:* Leonel Brito / *Cópia:* DCP (Arquivo RTP, transcrição de Betacam Digital, a partir de cópia em 16mm), preto e branco, falada em português / *Duração:* 48 minutos / *Primeira emissão televisiva:* 1 de outubro de 1975, RTP 1 / *Série:* Das Artes e Ofícios / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 24 de abril de 2014, ciclo “25 de Abril, Sempre – Acção e Intervenção: O Caso Torre Bela”.

TORRE BELA (UMA COOPERATIVA POPULAR) / 1976

um filme de VÍTOR SILVA

Realização, direção de fotografia, montagem: Vítor Silva / *Título alternativo:* Volskooperative ‘Torre Bella’ / *Patrocínio:* Wolfgang Bitschoff / *Com:* cooperantes da Torre Bela / *Produção:* Azargo (Portugal, 1975-76) / *Cópia:* DCP (Cinemateca, transcrição de Betacam SP, produzida a partir de uma cópia síncrona em Super-8), colorida, falada em português / *Duração:* 49 minutos / *Primeira apresentação (confirmada) na Cinemateca:* 24 de abril de 2014, ciclo “25 de Abril, Sempre – Acção e Intervenção: O Caso Torre Bela”.

NOTA: A cópia **Torre Bela (Uma Cooperativa Popular)** apresenta vários problemas de instabilidade e qualidade de imagem e som. Originalmente filmado em Super-8, a cópia analógica foi doada à Cinemateca em 1987 pelo realizador, já em estado bastante frágil (o som magnético estava a soltar-se da película, a cópia apresentava vários riscos, sujidades e falta de contraste). Em 2001 este material foi registado em suporte vídeo (Betacam SP), com as várias marcas de uso da cópia analógica. O que se apresenta hoje é a transcrição digital desse material em vídeo que evidencia as características do respetivo suporte, nomeadamente o entrelaçamento.

Com a presença de Luís Galvão Teles.

Muito embora **Torre Bela**, de Thomas Harlan, tenha definido o imaginário sobre o Verão Quente, o PREC, a Reforma Agrária e, em particular, o sistema das cooperativas agrícolas no Pós-25 de Abril, é errado resumir esse período e as suas circunstâncias a um só ponto de vista. A sessão de hoje apresenta três pontos de vista alternativos sobre a mesma cooperativa, três pontos de vista que vêm desafiar um certo entendimento do mundo que Thomas Harlan construiu através do seu filme. Além disso, estes três títulos revelam que a presença das câmaras era uma constante naquela herdade e que os vários camponeses rapidamente se habituaram a ser filmados e entrevistados, estabelecendo uma relação de cumplicidade com os cineastas ou jornalistas que os visitavam (desfazendo, por isso, uma certa ideia essencialista de Harlan de que a população da Torre Bela não tinha consciência da sua imagem).

O primeiro título desta sessão, **Ocupação da Quinta da Torre Bela na Azambuja**, corresponde a uma reportagem da RTP, para o Noticiário Nacional, que terá sido rodada no início de maio de 1975, poucos dias após a ocupação da herdade da Torre Bela. A ocupação das terras agrícolas terá acontecido a 23 de abril e só dois meses depois, já em junho de 1975, os cooperantes tomaram a casa de férias do Duque de Lafões (a que chamavam “palácio”). A reportagem da RTP segue o modelo televisivo, com um jornalista de microfone em punho a entrevistar as várias pessoas com quem se cruza. Como era costume nos registos da época, são as mulheres que tomam a palavra, explicando a situação e as razões da ocupação. De qualquer forma, um dos elementos de maior interesse neste objeto televisivo corresponde à sequência em que a câmara da RTP regista o discurso de Wilson com o megafone em que este se refere à Reforma Agrária como um “facto” (a lei só seria aprovada a 29 de setembro de 1977 e a “Zona de Intervenção” desta lei não incluiria a área de Manique do Intendente onde se situa a herdade da Torre Bela). Isto porque esse é um discurso que Thomas Harlan também filmou e incluiu na montagem de **Torre Bela**. Temos, portanto, um contracampo que nos perceber em que condições Harlan e a sua equipa trabalhavam. Vê-se, na reportagem da RTP, o equipamento de som e, mais adiante, é possível vislumbrar rapidamente o operador de câmara Russell Parker e o próprio Thomas Harlan que, a seu lado, o orienta. São das poucas (senão mesmo as únicas) imagens em movimento da equipa de Harlan ao trabalho. Uma equipa relativamente pequena mas bem apetrechada, capaz de filmar dezenas de horas de película a cores (coisa que nenhuma equipa nacional tinha capacidade de fazer) ao longo de vários meses (Harlan permaneceu, de forma descontínua, 101 dias na Herdade, do final de abril ao princípio de agosto de 1975).

A propósito de datas, convém explicitar que **Torre Bela** descreve os primeiros três meses da ocupação, isto é, descreve um período turbulento de espírito revolucionário. Thomas Harlan pretendia – e incitava – o dramatismo. O caos, as discussões, os conflitos, as ousadias que **Torre Bela** documenta foram, em grande medida, provocadas pelo realizador

(que estimulava esse espírito nos cooperantes). Por sua vez, Luís Galvão Teles (com a Cinequanon), em **Cooperativa Agrícola Torre Bela**, visita a herdade no mês de setembro de 1975. Rodado ao longo de uma semana, este filme não tem nem a ambição polifônica nem a pretensão retratista de Harlan. Trata-se de um documentário televisivo inserido num contrato de produção da RTP com a cooperativa “de produção de filmes” para a série “Das Artes e Ofícios”. Essa série, maioritariamente realizada por António de Macedo (mas também Amílcar Lyra, Luís Galvão Teles ou assinada coletivamente), inclui vários episódios dedicados às empresas em autogestão (Hotel das Arribas, o jornal “O Setubalense”), às lutas sindicais (**Os Tipógrafos**), à reivindicação de direitos (**Unhas da Serra: Tomada de Consciência Política Numa Aldeia Beirã**), ocupação de terras (nomeadamente na Beira Baixa) e as outras cooperativas (a Cescope, uma cooperativa de cesteiros numa aldeia perto da Guarda). Foi, pois, neste contexto que Galvão Teles visitou a Torre Bela. Isto é, num contexto político de esquerda (a própria produtora Cinequanon era uma cooperativa de profissionais de cinema), que usava o cinema para esclarecer as populações. Daí que a sequência em que quatro homens discutem os problemas do alcoolismo na herdade seja – não por acaso – acompanhada por uma estatueta de Lenine (e, já no final, a câmara destaca-a com um plano aproximado).

Talvez em consequência do posicionamento político (evidente pelo comentário em *off* que pontua o filme), talvez por ter sido filmado já em setembro (cinco meses após a ocupação), talvez por resultar apenas de uma semana de rodagem, o certo é que **Cooperativa Agrícola Torre Bela** nos apresenta um olhar completamente distinto do de Harlan. Onde estão as discussões, a gritaria, os conflitos? Em parte nenhuma. A cooperativa Torre Bela é-nos apresentada como algo pacificado, onde as dinâmicas dos cooperantes são conhecidas e ordenadas e onde os vários serviços da cooperativa funcionam sem problemas (o refeitório, a creche, as visitas médicas, as assembleias, o trabalho no campo e com os animais). Até mesmo a “ocupação da casa” se reveste agora de uma naturalidade doméstica sem quaisquer arestas. Talvez este retrato seja tão mítico quanto o de Thomas Harlan, mas serve de contraponto para **Torre Bela** – um contraponto necessário. E, passados cinco meses, os cooperantes apresentam as suas conquistas: das 8 ou 9 pessoas que o duque empregava, vivem agora cerca de 40 famílias naquelas terras; de 100 hectares trabalhados passou-se para 250; trabalho igual salário igual; recuperação do lagar de azeite; aumento da pecuária com 70 vacas e rebanhos de ovelhas e cabras; etc. Mas nem tudo são rosas. O referido momento de discussão dos problemas do alcoolismo monta-se segundo os trâmites da autocritica marxista-leninista (talvez fosse mais maoísta, dada a presença da LUAR – na figura de Camilo Mortágua – em todos os paços da cooperativa) e, não por acaso, será Wilson a afirmar “lutamos contra tudo, em especial, contra os nossos próprios defeitos”. Aliás, na brochura de comemoração do primeiro aniversário da cooperativa (23 de abril de 1976), pode ler-se na primeira página, “Nós os trabalhadores da Torre Bela estamos em luta contra o feudalismo, o capitalismo, a burguesia latifundiária e os nossos próprios defeitos. Que as terras por nós recuperadas nos dêem os meios da nossa própria recuperação humana e social”. Esse texto, segundo vários dos envolvidos, foi escrito com o intuito de integrar o filme de Thomas Harlan (como comentário final). Isso nunca chegou a acontecer. Ficou o testemunho de Wilson.

Por fim, o filme de Vítor Silva. Cineasta amador, são dele importantes registos dos dias imediatamente a seguir ao 25 de Abril: **Assembleia de Realizadores no I.P.C. após 25 de Abril** e **Festejando o Golpe de Estado de 25 de Abril, na sede do Núcleo dos Cineastas Independentes**. Muito embora, mais tarde, realizasse uma série de filmes de ficção (em Super-8 e 16mm, alguns deles de tons fantásticos ou de ficção-científica), nesses primeiros anos revolucionários filmou, com a sua câmara de Super-8, vários eventos, manifestações e comícios políticos. Destaque para **Chile Solidariedade!** com imagens da manifestação contra o golpe militar de Pinochet, na Avenida da Liberdade, junto à respetiva embaixada; **O Campo Toma a Palavra**, sobre a União das Cooperativas da Azambuja (na qual participava a cooperativa da Torre Bela, juntamente com a Comuna de Aveiras, Ferraria, Ameixoeira, Quebradas, Pombal, Vale Mouro e Marquesa – todas ocupações da zona, mas nenhuma delas tão filmada como a Torre Bela); e **Comício de Otelos no Terreiro do Paço**, filmado em junho de 1976, no encerramento da campanha de Otelos à Presidência da República. Vítor Silva foi o realizador que mais tempo viveu na cooperativa Torre Bela e o seu **Torre Bela (Uma Cooperativa Popular)** é, de todos os documentos da época, aquele que apresenta um arco narrativo mais longo, incluindo não só o 25 de Novembro e as prisões que se seguiram, como a continuação da cooperativa em 1976.

É curiosa a coincidência entre o filme de Vítor Silva e o filme de Thomas Harlan quando nos apresentam a casa do Duque, por ambos decidirem integrar um elemento musical (o piano, o órgão) como forma de intensificar o dramatismo da cena (no caso de Silva a escolha remete para o cinema de terror, inscrevendo aquele espaço como um castelo de Drácula – sendo possível estabelecer uma correspondência com **As Desventuras de Drácula Von Barreto nas Terras da Reforma Agrária**). A isso junta-se a conversão daquele casarão numa espécie de museu, congelado no tempo, o que afasta a visão do saque que Thomas Harlan provocou e registou (e que está mais próxima do relato de Francis Pisani). De qualquer modo, um dos contributos mais significativos deste documento prende-se com a figuração do mítico cavalo branco do duque (aqui em todo o seu esplendor) e, claro, o registo da campanha de desfolhagem do milho que reuniu na propriedade várias dezenas de “revolucionários de fim de semana” que em dois dias conseguiram processar toda a produção das centenas de hectares da propriedade. Imagens que reforçam a dimensão “popular” do título – da cooperativa e do próprio filme.